

O TIL

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.

Por seis mezes
25000 reis.

Numero avul-
so 200 reis.

PAGAMENTO ADIANTADO.

N. 11

1874.

{ ANNO I.

LITTERATURA.

Trajes.

(CONSELHOS DO PAPA GANGANELLI.)

A verdadeira devoção não consiste nem no desalinho, nem em vestir pardo. A maior parte dos devotos cuidão, e não sei porque, que as côres escuras agradão mais aos espiritos celestiaes que as alegres: contudo, os Anjos sempre se pintão de branco ou azul. Não gosto de piedade que se ande apregoando: a modestia não dependê da côr. Para sermos como devemos, basta que o nosso traje e nosso porte sejam decentes.

Vestireis comê os mais da vossa condição, mas nem com muita affectação, nem com muito desalinho.

A verdadeira devoção foge de extremos, e só os que a contrafazem affectão trazer um vestido pouco decente a cabeça torta, o rosto austero e fallar assucarado.

VARIEDADES

Edades das mulheres symbolizadas por aves.

Diz um autor:

« A mulher de um a dez annos é *beija-flôr*; de dez a 15 *rouxinol*; de quinze a vinte *ave do paraizo*; de vinte a vinte e cinco *rôla*; de vinte e cinco a trinta *andorinha*; de trinta a quarenta *gralha*; de quarenta a cinquenta *curuja*, de cinquenta a sessenta *êna*; de sessenta em dezan-

te não é nem ave, nem mulhier, nem cousa nenhuma.

O mesmo autor symboliza as diversas idades do homem, mas nós deixamos às mulheres o trabalho de as darem a publicidade.

(Extr.)

AVENTURAS SENTIMENTAES

DE UMA FLORISTA E DE UM ESTUDANTE

PASSADAS NO RIO DE JANEIRO

Com licença de *Arsène Houssay*

(Continuação)

TOMO SEGUNDO

IV

ADOLPHO A ALBERTINA

Queridinha, não penses que fui logrado. Vingas-te do meu exame, indo, não ao S. Luiz com a tua amiga Josephina, mas sim á Phenix com o proprio Adonis; que Deus e o amor os façam felizes. — « *Adolpho.* »

ALBERTINA A ADOLPHO

« Adolpho ! Adolpho ! fui culpada ; mas amo-te ; o desejo de vingança me perdeu, perdoa-me : quero ainda ver-te, quero amar-te sempre. As onze horas estarei a tua porta. — « *Albertina.* »

N. B. Adolpho perdoou com furor.

V

OS POST-SCRIPTUM

Albertina a Adolpho

« Adolpho, eu te escrevo só para dizer-te que te amo ainda e sempre. Oh ! se soubesses, Adolpho querido, meu

idolo sagrado, meu anjo na terra, quanto te amo?! Quando te vejo, minha cabeça estoura como uma garrafa de gengibirra. Então meu coração? E' que tu és o senhor delle! Ah! como serei desgraçado, se me abandonares, sim, porque em breve serás senhor engenheiro; casar-te-has com alguma moça ou velha que te trará um dote, mas que não terá coração, e eu pobre victima chorarei; se até já choro, monstro! as lagrimas me impedem de te dizer mais, porque tú és minha familia, meu Deus, minh'alma, minha vida.» (Tres paginas neste estilo, menos a orthographia.)—«*Albertina.*»

« P. S. A proposito a virtude è pobre: fui forçada a levar, ha cinco dias, meu mantelete ao monte do Socorro, envio-te a cautela. »

ADOLPHO A ALBERTINA

«Anjo que desceste do céu para consolar-me, bellas das bellas, thesouro mais rico que o do mais rico usurario, tu és o meu unico bem na terra.—Amo-te! amo-te! amo-te! Que não possa eu repetir-te esta palavra a todo o instante.—Escrevo-te só agora para isso.—«*Adolpho.*»

« P. S. A proposito, precisei de cigarro e vendi a tua cautella: sou agora teu devedor. »

VI

Uma manhã, Adolpho, nada mais tendo que dizer à menina Albertina, pediu-lhe que contasse a sua historia.

HISTORIA DA MENINA ALBERTINA, CONTADA POR ELLA MESMA

Nasci na Parahyba do Sul; meus parentes são ricos lavradores, e meu avô chegou quasi a ser bispo: eis porque me mandarão para o asylo de Santa Leopoldina em Nitheroy. Mais tarde, voltei para a Parahyba, onde fui seduzida por um moço, cadete de voluntarios, que marchou para o Sul. Este cadete, que era moreno e bem feito, me raptou em um bello dia á noite, sem se commo-

ver com minhas lagrimas e supplicas; mas dizia elle que era para bem. Que noite espantosa! O vento pintava o diabo a quatro e elle tambem! Mais tarde, quando elle partiu para a guerra quasi morri de dor em companhia de um seu intimo amigo, jovem tambem moreno, mas gordo. Ah! no desespero em que estava, já não sabia o que fizesse. Cada um dos dois ingratos me havia promettido sua mão, mas por mais que eu estendesse a minha, elles teimavam em recuar as suas! Foi tão grande a minha dor que vim para a corte, onde soube depois que meu cadete voltara da campanha e fora para a Parahyba; tive odio delle e tornei-me florista. Garanto-te, queridinho, que tenho recebido mais flores do que tenho feito.»

Neste ponto a menina Albertina fez um mômo e poz-se a cantar.

A fortuna

Importuna...etc.

HISTORIA DA MENINA ALBERTINA CONTADA POR UMA DE SUAS INTIMAS AMIGAS

« Albertina é filha de um pai anonymo e de uma pobre agregada de uma fazenda, que teve doze filhos, ella era o decimo terceiro; sua avô fora criada de um reverendo. Ainda menina, Albertina seduzio o tal moço que mais tarde foi para o Sul como cadete; depois foi ella por sua vez seduzida por um jovem moreno e gordo, que por ella fez loucuras, depois outro jovem gordo; depois outro magro, depois... não sei mais se que se seguiram eram magros ou gordos! contudo se digo isto, não é porque queira dizer mal, isso não. Mais tarde veio ella para a corte e afim de recommençar a Suppunha a bella flor dos campos que na corte tudo são flores, mas como só encontrou espinhos, fez-se florista; eis-aqui porque faz ella hoje flores.

(*Continúa.*)

POESIAS.

VERSOS.

A TI:

A ti,—que deste risos ao meu viver de lagrymas,
a ti,—que tapisaste de perfumosa flôres
a estrada, que eu seguia, do meu destino tétrico,
tão cheia de silvados, de abrolhos e de horrores,
dedico os pensamentos, amor, a crença fervida
d'esta alma que se-banha na luz dos teus amores:
accita-os, meiga fada, sam teus, oh! virgem bella...
estrella dos meus sonhos, do meu viver estrella!...

Dezembro, 16—74.

NESUN SIRPE.

Anhélos.

Se eu fôra, meiga donzella,
A flôr do prado singela,
Teu seria o meu odôr;
Se eu fôra a brisa fagueira,
Que corre do Sul ligeira,
Teu seria o meu frescôr;

Se eu fôra o astro luzente,
Que campêa docemente
N'amplitude lá do ceu.
Eu viria pressuroso
Em teu rosto tão formoso
Reflectir o brilho meu;

Se eu fôra fremente vaga,
Que nos rochedos se esnaga
Em negro mar tormentoso,
Eu viria mansamente
Arrojar-me em gôzo ardente
A teus pés, sylpho doñoso!

Se eu fôra plumeo cantor,
Que ledas notas de amor
Modula com melodia,
A teu canto tão gentil
De graças, encantos mil
O meu canto unir viria.

Mas eu que não tenho olôres,
Que dado só é ás flôres
Exhalar do puro seio,
Que não sou do nume Eólo
As armas para teu cóllo
Bafejar em devaneio;

Que não sou o gran luzeiro
P'ra teu rosto scbranceiro
Inunciar de seu fulgor;

Nem a vaga que lá geme
Na praia do mar que freme,
P'ra a teus pés quebrar em flôr;

Que não tenho o mago encanto,
Que possúe o doce canto
Do plumifero cantor:
Como poderei, oh' quirida!
D'uma paixão não fingida
Um penhor dar-te — d'amor?

Accita, pois, oh! donzella,
Esta trova mui singela,
Onde todo se revela
O sentir d'este meu peito,
E no teu todo candura,
D'onde emãnt alma ventura,
Dá guarida a quem procura
Confessar-te — amor perfeito.

Otoni Theo.

SONHOS.

Sonhei um dia, ao teu lado virgem
Cruel vertigem, me abraçou o peito,
Sonhei não pude, te escutar querida;
Cantos á vida, d'um amor desfeito.

Vi-te donzella, em meus sonhos bellos,
Em meus anhelos, tão faceira e linda,
Vi-te donzella, de cabellos soltos,
Qual esses vultos, no correr da vida.

Sonhei querida, que tú éras bella,
Roza singella, d'um jardim cheiroso.
Sonhei, perdi-me, lá por entre as trevas
Paixão relevas, n'um viver forçoso!

Amar-te virgem, um dia eu quizera,
Então pudera, te fallar de amor,
Amar-te virgem, é meu doce intento,
Mesmo em tormento, n'um viver de dor.

Vi-te donzella, u'ma noite linda,
Sejas bem vinda, exclamei sonhando,
Vi-te donzella, te fallar as flores;
Vê os amores, que te vão doirando.

Se tú escutasses, ao cahir da tarde,
Mesmo de balde, o meu triste pranto,
Tú guardaria, no teu seio a flor,
Do nosso amor, que lutemos tanto.

O somno é curto, ao amante triste,
Que em ti consiste, seu viver ligeiro,
O somno è nada, n'uma noite ardente
Sinto-me crente, no teu olhar fagueiro.

Vindes donzella, vinde ver minh'alma,
Em doce calma, vinde dar-me vida,
Vindes não tardes, quero ver-te, sim,
Como o jasmim, n'essa cõr perdida.

Lá das montanhas, do deserto, além
Cantos não vem, me dizer amor,
Pois, que não venha, eu só amo o ermo,
Suspiro e gemo, como a triste flor!

O' me val o somno, se ao dormir desperto
Por ver-te perto, com as crenchas puras,
Que val no mundo um viver amargo,
Se sou o trasgo, n'essas noites escuras.

Sonhei um dia, ao teu lado virgem,
Cruel vertigem, me abrazou o peito,
Sonhei, perdoa, foi illusão, querida
Dou-te na vida, meu amor perfeito.

Dezembro, 19,—74.

S. NEVES.

ACROSTICO.

Virginia aceita um coração sincero
Imitar quero tua crença, oh!... Sim!...
Não sonha virgem que encontrei tão bella;
Intil donzella de perfeição sem fim.
No innocente anjo que sorri venturas
Inas crenças puras do primeiro amor,
Vimitar quero tua crença oh!... Sim!...
Vem mar-te emfim com fervoroso ardor.

Logogripho.

A primeira cõ a segunda
Captiva o coração:
E asavessa lidas
E' a sê da religião.

A terceira cõ a segunda
E' sensível ao medroso;
A segunda c'õ a terceira
Desanima ao corajoso.

A terceira, quarta e quinta
Nas vestes encontrarás;
E se tomares a quarta,
Na musica o acharás.

— « CONCEITO. » —

Quando assim me considero
Sinto de Morphêo o effeito,
Fraco e quasi exaurido
Busco repouso no leito.

74—16—Dezembro

W.

Charada em quadro.

Produccão brasileira.
Sentimento muito nobre.
Sou flagello terrivel.
Synonimo de cobre.

(Almanach de 1875.)

A decifração do logogripho do nu-
mero antecedente é—camarada.

A decifração da charada do n. anteci-
dente é *Condecoração*.

CORRIGENDA AO N. 9

Na 1.^a pagina, 1.^a columna, ultima li-
nha. em vez de— beneficio —leia-se bene-
fico.

Na mesma pag., 2.^a col. lin. 24 em vez
de implora —leia-se inflora.

Na 2.^a pag. 1.^a col. lin. 40 em vez de
devos acenos—leia-se de vós os accentos.

Na mesma pag. 6 col. lin. 47, e 48, em
vez de —do que a bemaventurança? leia-
se — do que seja a beneficencia?

Na mesma pag. col. 2.^a 1.^a lin. em
vez de —repara— leia-se reparareis — Na
lin. seguinte em vez de — quando, leia-se
quanto.

Typographia do **CONSERVADOR**,
rua do Ouvidor esquina da do Impera-
dor.